

As dimensões inumanas do esporte de rendimento



Prof. Elenor Kunz

Esclarecer, para melhor compreender o esporte que se pratica, implica nas relações pedagógicas do ensino escolar dos esportes, onde professores de Educação Física tenham um melhor conhecimento de determinados problemas que atingem atletas e o seu processo de escalada ao sucesso (que na maioria das vezes nem ocorre). Apresento aqui dois problemas do esporte de rendimento que considero dos mais sérios na atualidade, relacionados ao treinamento esportivo.

Trata-se de uma análise reflexiva em torno de dois problemas graves que, atualmente, atingem cada vez com mais intensidade a prática do esporte de rendimento em todo o mundo: o treinamento especializado precoce e o doping. Esta análise é apresentada na perspectiva de um professor de educação física com preocupações pedagógicas sobre a infância e o esporte, e não na do especialista em treinamento esportivo. O esporte de rendimento aqui considerado se refere a um tipo de esporte que é sistematicamente treinado com o objetivo de participar periodicamente em competições esportivas.

Sabe-se que, sobre este tipo de esporte, já foram ensaiadas inúmeras críticas. Críticas que, de um lado, querem vê-lo menos exigente em relação, especialmente às crianças e aos jovens que sacrificam



demasiadamente sua infância para treiná-lo sistematicamente, e por outro lado, as críticas se dirigem, também, aos adultos que participam deste esporte e que, para chegar ou se manter no topo da elite mundial, se vêem obrigados a lançar mão de "meios auxiliares", normalmente de natureza química.

Naturalmente, quem desta forma critica o esporte, quer a sua humanização, acreditando ainda em valores altamente positivos com a sua prática.

Mas há também os que querem ver o fim deste tipo de esporte. Na Europa dos anos 70, especialmente, a chamada "nova esquerda" com sua crítica à sociedade produtiva e de rendimento, incluíam o esporte nesta mesma crítica, ou seja, viam o esporte como objeto de manipulação da classe dominante. Entre os teóricos-críticos com esta idéia do esporte se encontra o francês J.M. Brohm, citado por Bracht, V. (1989) e conhecido no Brasil, especialmente, pelo trabalho

de Cavalcanti, K. (1984 - "Esporte para todos um discurso ideológico"), para quem "o esporte é um mal a ser extirpado, e na sociedade comunista universal ele desaparecerá" (43).

Por mais contundentes e intensas que estas críticas possam ser em relação ao esporte, por mais que tantos já tenham desaconselhado a sua prática em todos os sentidos, mas, especialmente, enquanto compromisso pedagógico-educacional, ninguém conseguiu abalar ou ameaçar este tipo de esporte mais do que ele próprio nos últimos tempos.

O esporte de alto rendimento tem hoje dois problemas muito sérios a enfrentar, e estes podem levá-lo a sua auto-destruição, ao fim, bem como de seus praticantes. Os problemas a que me refiro, são problemas que, no mundo inteiro, mas especialmente no Brasil, recebem pouca consideração nas pesquisas das Ciências do Esporte e

"Dois problemas graves que, atualmente, atingem cada vez com mais intensidade a prática do esporte de rendimento em todo o mundo: o treinamento especializado precoce e o doping".

da Educação Física.

Estes problemas são: o treinamento especializado precoce e o uso do doping; estes problemas impõe, atualmente, uma característica cada vez mais inumana à prática do esporte de rendimento.

O TREINAMENTO ESPECIALIZADO PRECOCE

Mais uma vez quero deixar claro que pretendo abordar este tema não como um técnico esportivo interessado em humanizar o esporte de rendimento, mas como pedagogo, ou seja, profissional da Educação Física escolar e com isto preocupado com as crianças e os jovens que estão sendo conduzidos, cada vez mais cedo e com mais intensidade, a este esporte.

Assim sendo, a primeira pergunta que se deve fazer é: Qual a responsabilidade pedagógica com a iniciação de jovens, crianças e adolescentes na prática do esporte de rendimento com o objetivo de participar, sistematicamente, de treinamentos e competições esportivas?

O treinamento especializado precoce no esporte acontece quando crianças são introduzidas, antes da fase pubertária, a um processo de treinamento planejado e organizado a longo prazo, e que se efetiva em um mínimo de três sessões semanais, com o objetivo do gradual aumento do rendimento, além de participação periódica em competições esportivas.

Este tipo de treinamento esportivo infantil acontece com maior frequência e intensidade nos países com hegemonia mundial, especialmente em esportes como a ginástica artística e rítmica ou natação e atletismo. Mas, no atletismo brasileiro, especialmente, o problema também começa a ficar sério, não somente para o atleta, como para a própria modalidade, pois coíbe grandes talentos de alcançar o máximo de seu rendimento quando adultos - conforme pes-

quisa empírica que realizei para dissertação de Mestrado na UFSM, em 1983 (Kunz, 1983).

Os maiores problemas que um treinamento especializado precoce provoca na vida da criança e especialmente em seu futuro após encerrar a carreira esportiva serão enumerados a seguir:

- Formação escolar deficiente, devido a grande exigência em acompanhar com êxito a carreira esportiva;

- A unilateralização de um desenvolvimento que deveria ser plural;

- Reduzida participação em atividades, brincadeiras e jogos do mundo infantil, indispensáveis para o desenvolvimento da personalidade na infância. Em dias que a criança treina, pode-se, grosso modo, dividir o plano de atividades da seguinte forma: de manhã, das 8h às 12h, escola; à tarde, das 13h30min às 15h30min, estudo e tarefas escolares; e das 16h às 18h, treinamento. Para quem treina diariamente, e isto é o que normalmente acontece, significa uma carga diária de 8 horas, 40 horas semanais, sem incluir competições nos fins de semana, quando houver;

- Naturalmente, também, tanto a saúde física quanto a psíquica são atingidas num treinamento especializado precoce.

Sobre este último problema, o pesquisador alemão Nitsch, citado por Düsenberg (1979), chega a afirmar que é

"indiscutível que o treinamento esportivo em idade precoce traz sérios prejuízos corporais à criança. Os próprios especialistas esportivos e da Medicina Esportiva acreditam nisto. Ao mesmo tempo em que afirmam, também, que estes prejuízos à saúde podem, através de um controle médico permanente e rigoroso serem evitados. Só poderíamos acreditar nisto, se, coma descoberta de tais prejuízos à saúde, as imediatas conseqüências, no caso, seriam o fim do treinamento e das competições, o que em via de regra não acontece". (04).

Mais problemáticos que os prejuízos à saúde são, para a maioria dos pesquisadores entre eles o citado Nitsch, os problemas de ordem psíquica. Estes se manifestam e se tornam mais graves, especialmente, em casos onde houve desilusões, fracassos e até mesmo pela falta de talento para a modalidade ou para o próprio esporte em geral. Nestes casos, o atleta precoce é, ou se sente, excluído do mundo esportivo. Problemas psíquicos desta natureza, afirma o mesmo autor, podem levar a anos de martírio.

Com toda certeza, nenhuma criança, por si só, optaria livremente em treinar o esporte de forma especializada, sistemática e intensa como normalmente é realizado, ou seja, com o objetivo de "arrancar" resultados cada vez melhores em menos tempo das mesmas (poderíamos chamar a isto de "princípio da racionalidade irracional do esporte"). "Mas, são certamente as crianças que mais facilmente são influenciadas, dependentes e 'elásticas' suficientes para participar, e ainda com alegria, neste tipo de esporte" (Nitsch, apud Düsenberg, 1979. p.5).

Sabe-se, também, que além da vaidade e do espírito pretensioso dos que trabalham com este tipo de esporte, ainda há a própria cobiça nacional por medalhas olímpicas (exemplo dessa configura-se o programa "Pentatlo Nacional", patrocinado pela Coca-Cola e realizado pela CBAAt nos anos 1979-1980).

Na Alemanha, a Confederação Alemã de Esportes, preocupada com o desempenho do esporte no país, especialmente no tocante à criança e ao jovem, elaborou em 1983 um documento de esclarecimento ao problema da criança no treinamento esportivo. Notem que esta Confederação estava realmente preocupada com os rumos do desenvolvimento do esporte, especialmente algumas modalidades do esporte individual. A preocupação principal, portanto, não era exatamente com a criança neste esporte. Com estes esclarecimentos ela queria, na verdade, atingir técnicos, professores de

Educação Física, pais e todo e qualquer responsável pelo treinamento infantil. O objetivo era resgatar o sentido saudável, tanto psíquico quanto físico e social da prática esportiva, e assim, novamente, poder defender e garantir as conquistas do rendimento esportivo como uma preocupação saudável do jovem.

Desta forma, o referido documento se apressa em apresentar, inicialmente, os aspectos positivos do treinamento infantil, na medida em que se evita o fanatismo dos resultados imediatos. Assim, são relacionados os seguintes aspectos positivos para quem treina de uma maneira "correta", ou seja, seguindo as próprias orientações do documento:

1. O fomento ao desenvolvimento corporal, psíquico e social;
2. A transmissão de experiências e meios que fomentam a auto-valorização e o reconhecimento de capacidades individuais próprias, assim como a influência positiva sobre sua auto-imagem e concepção de vida;
- 3- Permitir vivências coletivas e estimular a atuação social;
4. Ampliar o horizonte de vivências e experiências enquanto atividades de tempo livre.

Estes mesmos aspectos positivos do esporte de rendimento para a infância são levantados por Bento, O.J. (1989). Assim como são coincidentes, em Bento (1989) e no documento da Confederação Alemã, o levantamento de um leque de problemas e perigos à saúde e bem estar da criança, quando submetida erroneamente ao esporte de rendimento. Isto tende a acontecer, especialmente, se determinadas observações e cuidados não forem levados a sério.

Entre outras, uma das orientações (que ambos fornecem), diz respeito a: -- oferecer à criança ampla liberdade e participação nas decisões no sentido de fomentar a sua autonomia e independência, ao ponto dela mesma contribuir na elaboração e

"Com toda certeza, nenhuma criança, por si só, optaria livremente em treinar o esporte de forma especializada, sistemática e intensa como normalmente é realizado".

A criança não sabe e nem pode saber o quanto ela precisa se dedicar para superar outras crianças em competições. Isto é um problema social muito complexo e que obedece às regras e princípios da competição e da concorrência, próprias das sociedades industriais".

"...neste sentido comercial do esporte, a idéia de um retrocesso nos resultados é impensável".

estruturação de seu treinamento. Isto, sabe-se, não acontece na prática que objetiva lograr êxito em competições esportivas e nem pode acontecer, pois a criança não sabe e nem pode saber o quanto ela precisa se dedicar para superar outras crianças em competições. Isto é um problema social muito complexo e que obedece às regras e princípios da competição e da concorrência, próprias das sociedades industriais e não é a criança que vai resolver isto ou saber como se comportar dentro deste fenômeno social complexo, já que ela foi "introduzida" por adultos neste sistema. O que acontece é que, normalmente, os "incentivadores" dos aspectos positivos deste esporte para crianças, não analisam (por interesse, ou por incompetência mesmo) os determinantes sócio-políticos e econômicos que levam treinadores e especialistas do esporte (por ex. a medicina esportiva, como apresento a seguir com o problema do doping) a desenvolver o esporte infantil em níveis cada vez mais altos, mesmo em detrimento da própria saúde da criança.

Neste sentido, se encontram evidentes contradições tanto no documento da Confederação Alemã como em Bento, nos quais, de um lado, são apresentados problemas e perigos a serem evitados, e de outro, vantagens e ganhos do treinamento esportivo na infância, a revelia de qualquer discussão sobre condicionantes sócio-econômicos e políticos do sistema esportivo. Simplificando: Por estas análises, o fato de um atleta do sexo masculino, com apenas 14 anos, atingir a marca de 2,10m no salto em altura e nunca mais conseguir repetir este feito, mesmo com insistentes treinamentos, até o abandono precoce do esporte, é apenas um problema de técnicos e especialistas do esporte e não tem nada a ver com altas exigências do próprio sistema esportivo enquanto produto de relações sociais que ideologicamente se orientam no modelo econômico dos países industriais avançados.

Com relação aos condicionantes sócio-econômicos e políticos seria interessante analisar, ainda, o grau de "comercia-

lização" que os rendimentos esportivos começam a adquirir cada vez mais precocemente, ou seja, a partir de atletas muito jovens. Esta "comercialização", fomentada pela indústria cultural esportiva e os meios de comunicação de massa, elevam as "pretensões de validade" (Habermas) dos resultados esportivos alcançados a um limite cada vez mais alto, e neste sentido "comercial" do esporte, a idéia de um retrocesso nos resultados é impensável. Quem não conseguir entrar no "ranking" dos melhores, também não consegue um bom patrocínio para seus rendimentos esportivos.

Finalmente, no meu modo de ver, o que é esperado da criança que é introduzida no sistema esportivo de rendimento é o sucesso esportivo e o rendimento cada vez mais alto. Os níveis para se alcançar tal sucesso já estão dados, são os próprios "rankings" infantis, juvenis, etc. e que jamais retrocedem. Portanto, os que buscam mostrar com veemência os aspectos positivos da



Foto cedida por Flávia Meyer, obtida em pesquisas realizadas no Children's Exercise and Nutrition Center, Hamilton - Canadá.

prática deste esporte para crianças na verdade concentram seus esforços mais no sentido de salvar o esporte do que a criança que o pratica.

O DOPING NO ESPORTE DE RENDIMENTO

Em termos de divulgação pública, o problema do doping esportivo é bem mais conhecido, especialmente no contexto do esporte espetáculo, do que o problema do treinamento infantil precoce. Quem se encarrega, na maioria das vezes, em divulgar estas informações são os meios de comunicação de massa que gostam de uma divulgação sensacionalista do esporte. As pesquisas sobre este tema são restritas e, quando acontecem, faltam-lhes, na maioria das vezes, dados mais concretos sobre o problema. Raras exceções são as pesquisas efetuadas por ex-atletas que, após o término da carreira esportiva, se especializam em alguma área do treinamento esportivo, geralmente na

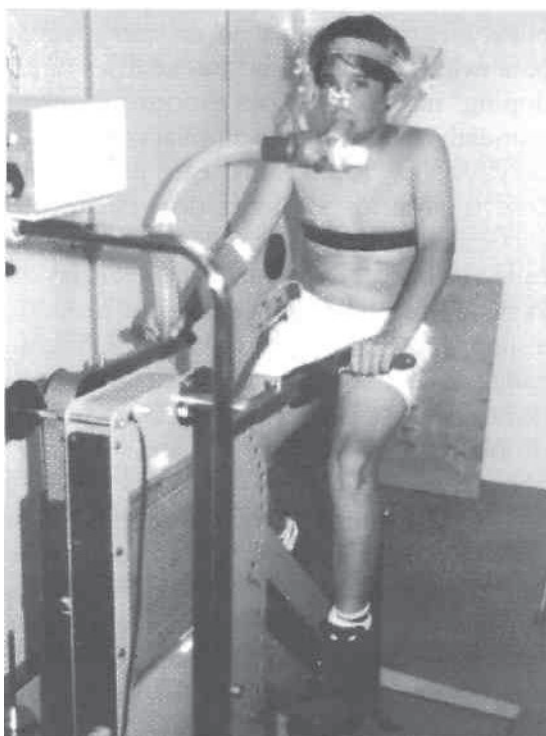


Foto cedida por Flavia Meyer, obtida em pesquisas realizadas no Children's Exercise and Nutrition Center, Hamilton - Canadá.

medicina dos esportes, e assim passam a relatar e comprovar casos mais concretos. Foi o caso, por exemplo, bem recente de Brigitte Berendonk, ex-atleta de lançamento de disco na Alemanha e hoje professora de Educação Física e Física, que em 1991 lançou um livro intitulado "A decadência do Esporte" onde descreve documentos e pesquisas que conheceu sobre o problema do doping no esporte e que eram mantidos em segredo.

Relatos oficiais, mesmo não sendo pesquisas mais sérias, indicam que o problema de doping no esporte é um problema quase tão antigo como o próprio esporte. O chamado uso de "meios auxiliares", notadamente de natureza química, para influenciar no rendimento esportivo já era algo conhecido nas antigas olimpíadas gregas. Na era moderna uma das informações mais antigas e concretas do uso de doping foi de 1879 numa corrida ciclística de seis dias em Nova York, onde, segundo um jornal alemão de Hamburgo (1987), se constatou que alguns ciclistas haviam ingerido cocaína e heroína para melhorar seus desempenhos. O mesmo jornal relata que a primeira morte, por uso de doping no esporte, de que se tem notícia data de 1886, e foi a de um ciclista inglês na famosa corrida ciclística francesa de Bordeaux a Paris.

No Brasil, o problema se tornou certamente mais conhecido, até mesmo entre atletas, com o flagrante acontecido na Olimpíada de Seul e que atingiu o "gigante químico" do Atletismo: Ben Johnson.

Atualmente, após mais uma Olimpíada Mundial e com a recente "abertura dos arquivos" na ex-Alemanha Oriental sobre o problema do doping nos esportes daquele antigo país, o tema volta a ser veiculado nos órgãos informativos da comunicação de massa.

Sobre este último caso, o problema fica registrado por estes órgãos como se fosse apenas mais um "grave problema" envolvendo a liberdade do Homem e cometido pelos países do bloco socialista. Não se

"Relatos oficiais, mesmo não sendo pesquisas mais sérias, indicam que o problema de doping no esporte é um problema quase tão antigo como o próprio esporte".

fazem análises mais sérias no sentido de questionar o doping na relação de resultados esportivos, onde atletas de países socialistas ou ex-socialistas, no mínimo, se igualam aos de países capitalistas e com tradição no esporte de alto rendimento.

É comprovado, também, que o doping que a maioria dos atletas mais utiliza atualmente, o anabólico esteróide, provoca uma vantagem tão grande sobre os que não o usam que dificilmente um talento natural, por melhor que seja, consegue superar um atleta "tratado" com esta substância. Treutlein (1983, 1991) em suas pesquisas informa que a história esportiva de alto rendimento registrou o uso deste doping (anabólico esteróide), pela primeira vez, na década de 60, por atletas americanos do atletismo (arremessadores). Estes atletas apresentaram, subitamente, uma melhora tão grande nos seus índices de arremessos que, num período de três anos, se tornaram insuperáveis pelos atletas de países europeus e tradicionais rivais nesta modalidade esportiva. Este tempo exato, três anos, segundo Treutlein (1983), foi o tempo que os países europeus, especialmente Alemanha (ocidental e oriental), precisaram para pesquisas e utilizar também o anabólico. Na década de 70, parece que o conhecimento e uso deste doping se difundiu universalmente

Atualmente, o uso se estende inclusive fora do contexto do esporte de rendimento, ou seja, tem sido usado como auxiliar no desenvolvimento da estética corporal, especialmente em academias de musculação. Nos EUA, o problema tem atingido seriamente a escolares, como mostram as pesquisas de Buckley (1988) e Terney & Mclain (1990). Conforme relata Treutlein (1991), segundo estas pesquisas, os motivos que levam escolares ao uso do doping anabólico são vários, mas o principal deles é o rendimento esportivo. E, surpreendentemente, o uso não se restringe aos atletas de modalidades esportivas que exigem alto grau de força e resistência, como o atletismo, natação ou ginástica, mas, inclusive, em modalidades como "badminton", considerado um dos

esportes mais leves.

Muitos iniciam o uso de substâncias químicas, como o anabólico, ainda muito jovens e sem terem o menor conhecimento sobre os problemas provocados pelos efeitos colaterais. Depois, obcecados pelo sucesso alcançado, são incapazes de abandoná-las.

Nos esportes de alto rendimento e entre as elites mundiais, a comprovação de uso sistemático e abusivo do anabólico é conhecido desde 1976, segundo Treutlein (1991). O caso Ben Johnson, em 1988, na verdade não foi um flagrante "achado" de substância proibitiva na urina do atleta, e sim um caso de "seleção" entre os mais exagerados, para servir de "bode expiatório" do problema que vinha ameaçando o status educativo e fomentador de saúde que se atribui ao esporte.

Atualmente, no entanto, o problema tende a agravar-se cada vez mais uma vez que o seu uso, para lograr êxitos ainda maiores e sem ser atingido tão fortemente pelos efeitos colaterais do mesmo e ainda para evitar a "malha-fina" das análises "anti-doping" nas competições esportivas a nível mundial, é efetivamente ampliado para atletas cada vez mais jovens. Isto, juntamente com o próprio problema do treinamento especializado precoce, merece uma atenção cada vez maior, não apenas das Ciências do Esporte, mas, especialmente, dos próprios Sistemas Nacionais de Educação e Saúde de cada país. É necessário uma discussão política e social de caráter internacional para os problemas tão sérios do esporte.

Da antiga Alemanha Oriental, logo após a reunificação, surgiram um grande número de relatos de técnicos e atletas confessando o uso de doping. As revistas sensacionalistas como "Spiegel" e "Stern", têm trazido constantes "confissões" de ex-alemães orientais do esporte.

Cientistas do esporte da Alemanha Ocidental como Treutlein (1991) foram in-

“Treinamento infantil e doping no esporte vêm se polarizando em dois extremos, ou seja, os que são a favor e os que se colocam radicalmente contra”.

investigar as pesquisas efetuadas na ex-Alemanha Oriental e se surpreenderam com a intensidade e o rigor destas pesquisas, inclusive as aplicadas. Assim, as pesquisas de Steinbach (1968), de Terhaag & Feller (1976) Lathan & Kaempfe (1981), Trademacher (1990), Berendonk (1991), etc. mostram claramente o processo de planejamento, utilização e controle do doping em atletas alemães. Os detalhes destas pesquisas, como por exemplo a forma como eram coletados os dados para as investigações, são extremamente interessantes, mas não cabe aqui entrar em tantos detalhes. Alguns aspectos, no entanto, gostaria de registrar tais como:

1. O uso do anabólico iniciava quando atletas principiantes alcançavam resultados expressivos em sua categoria, ou seja, 70% do record mundial desta categoria.

2. O tratamento seguia um processo a longo prazo com intervalos, ou fases de maior e menor uso.

3- Havia um permanente controle médico acompanhando atletas que tomavam o anabólico, especialmente depois que começavam a surgir os primeiros efeitos colaterais.

4. Os efeitos colaterais, segundo as pesquisas, se tornavam reversíveis com o aumento da intensidade do treinamento. No entanto, de acompanhamentos a longo prazo, inclusive após a carreira esportiva, não há registros.

5. O uso começava a ser administrado em jovens/crianças com cada vez menos idade. Há casos registrados onde crianças com menos de 13 anos, foram "tratados" com o anabólico. Esta tendência é especialmente motivada por resultados esportivos nas categorias menores de outros países rivais e que se tornaram inalcançáveis por vias normais.

6. Há um rígido controle sobre a dosagem do doping e da progressão desta conforme resultados alcançados. Riedel

(1986), um dos pesquisadores do doping com finalidades aplicativas na ex-Alemanha Oriental, segundo Treutlein (1991), aconselhava uma dosagem anual máxima de 1000 mg. em atletas adultos. Outras pesquisas mostram, no entanto, que havia atletas que ultrapassavam a 3000 mg/ano. E o caso de uma atleta arremessadora, Haidi Krieger, que já com 18 anos ingeria 2590 mg/ano.

7. Às mulheres atletas eram administradas doses mais elevadas que aos homens.

8. Os pesquisadores da ex-Alemanha Oriental, se orgulhavam de usar o doping (anabólico) de uma forma muito mais responsável e cientificamente controlada do que em outros países.

9. Por fim, cabe registrar alguns dos efeitos colaterais do anabólico:

- Problemas na produção e assimilação de hormônios e lipídios;

- Sérios problemas de lesões no fígado (inclusive ataque cardíaco em jovens);

- Hipertensão arterial;

- Mudanças graves no sistema psico-vegetativo: depressão, agressividade, insônia e mudança na libido;

- Virilização em mulheres e mudanças de seus ciclos menstruais;

- Atrofia testicular, ginecomastia e anospermia em homens;

- Doenças de pele, inclusive sérios problemas de acne;

- Calcificação precoce das epífises ósseas em crianças.(Treutlein, 1991)¹

1. Notícia do Jornal Zero Hora de 03-02.1993 revela uma informação obtida da revista alemã "Der Spiegel" de que o uso do esteróide anabolizante já matou comprovadamente mais de 19 atletas, e de que se calcula que as vítimas em todo o mundo já ultrapassem a 100. O mesmo artigo cita a revelação feita por um pai atleta, que morreu recentemente de câncer no fígado e no pâncreas, de que o mesmo tomava grandes quantidades do esteróide oral Turibanol e ainda, que estudos de médicos norte-americanos alertam que, além de câncer, os anabolizantes aumentam o risco de ataques cardíacos entre atletas.

"Limpar o esporte sem afetar seriamente os resultados e os rendimentos já alcançados é impossível, pois desvalorizaria a mercadoria, significando perdas ao sistema econômico que o fomenta".

CONCLUSÃO: O TALENTO ESPORTIVO NA ESCOLA

As discussões dos especialistas em torno dos dois temas aqui apresentados: treinamento infantil e doping no esporte, vêm se polarizando em dois extremos, ou seja, os que são a favor e os que se colocam radicalmente contra. E mesmo a questão mais polêmica, como a do doping, encontra cada vez mais defensores, ou seja, os que defendem o uso controlado de meios auxiliares para se alcançar rendimentos cada vez mais elevados. Isto deve acontecer pelo simples fato destes "defensores" do esporte reconhecerem o estreito vínculo que o mesmo mantém, nas sociedades atuais, com o sistema econômico - esporte enquanto mercadoria super-valorizada nos sistemas, especialmente capitalistas -. Desta forma, "limpar" o esporte sem afetar seriamente os resultados e os rendimentos já alcançados é impossível, pois desvalorizaria a "mercadoria", significando sensíveis perdas ao sistema econômico que o fomenta. Certos especialistas (como a própria Confederação Alemã de Atletismo) afirmam possuir dados concretos e com bases científicas comprovatórios que, sem o uso de doping, os melhores resultados no arremesso de peso, por exemplo, ficariam em torno de 16 a 17,5 metros. (Notícia publicada na revista Spiegel de 27.08.1990, conforme Projektgruppe Leistungskurs Sport, Hannover 1991).

Aqui, no entanto, não se trata de posicionar-se contra ou a favor em relação aos dois problemas, mas sim analisar esta realidade que vem se manifestando cada vez mais, também, entre nós no Brasil. Desta forma, questionar, principalmente, o objetivo escolar/pedagógico da Educação Física enquanto intenção básica, descobrir e fomentar o talento esportivo.

Assim, para concluir, vale mais uma vez se questionar: Será que o problema deve realmente preocupar cientistas e pedagogos do esporte no Brasil? Qual é a proporção destes problemas no Brasil? Como as ciências do esporte, no Brasil, atualmente, poderiam

priorizar em lugar das pesquisas para alcançar resultados esportivos mais seguros na infância, a investigação sobre possibilidades e garantias de um movimentar-se livre e espontâneo de crianças, especialmente do contexto urbano? Esta questão implicaria, certamente, numa preocupação por parte do especialista esportivo na questão do planejamento urbano e das políticas públicas para a área do esporte e do lazer.

Acredito, ainda, que o problema do treinamento especializado precoce e o doping são tão relevantes e atuais que merecem, além de constantes debates a nível acadêmico, serem incluídos nos currículos de formação profissional, como disciplina optativa, pelo menos.

Desta forma, talvez possamos chegar mais próximos de uma resposta à pergunta inicial, ou seja: é pedagogicamente correto, ou melhor, qual é a responsabilidade sócio-educacional, no encaminhamento de atletas (talentos encontrados na Educação Física escolar) para a prática do esporte de rendimento?

Enfim, precisamos de mais luz sobre estes dois problemas do esporte para encontrarmos formas de identificar e denunciar com mais transparência e rigorosidade as causas que levam a estes exageros e abusos no esporte de rendimento, e assim poder lutar, não só dentro dos limites do esporte apenas, mas em todas as instâncias com que o mesmo se relaciona, seja a instância política, econômica, social ou educacional. Só assim, quem sabe, conseguiremos evitar algumas das piores conseqüências destes dois problemas sobre a criança e o jovem talento esportivo.

O fim de tudo, certamente, só alcançaremos quando conseguirmos ensinar um esporte às nossas crianças de tal forma que as mesmas possam crescer, se desenvolver e se tornar adultas através dele e, quando isto acontecer, quando se tornarem adultas, possam praticar esportes, movimentos e jogos como crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, OJ. *A criança no treino e desporto de rendimento*. Kinesis, Santa Maria, 5 (1), jan/jul. 1989.

BERENDONK, B. *Doping-Dokumente. Von der Forschung zum Betrug*. Berlin, Springer-Verlag, 1991.

BRACHT, V. *Esporte e Poder. Relato de Congresso*, Brasília, 1989.

CAVALCANTI, K.B. *Esporte para todos: Um discurso ideológico*. São Paulo, Ibrasa. 1984.

DÖRING, H. *Kinder im Leistungssport - Die neue alte Diskussion*. *Sportpädagogik* Seelze, Friedrich Verlag, 3, 1984.

DÜSENBERG, S. *Kinderarbeit im Jahr des Kindes: Der Hochleistungssport*. *Sportpädagogik*, Seelze, Friedrich Verlag, 1 (04). 1979.

KUNZ, E. *Duração da Vida Atlética de atletas do atletismo Brasileiro, categoria menores*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, 1983.

PROJEKTGRUPPE LESITUNSKURS SPORT - Unterrichtseinheit: Die Kugel weiter stoß "Symbol"en. Hannover, Friedrich Verlag, 1991.

SPORTPÄDAGOGIK - Pro + Contra: Kinder im Leistungssport. *Sportpädagogik* 2/83. Seelze, Friedrich Verlag, 1983.

TREBELS, A.H. *Kinder im Leistungssport u. Doping*. In: *Unterrichtseinheit: Vorschriften und Regeln im Sport*. Hannover, 1987.

TREUTLEIN, G. *No dope, no hope - Ist das Thema doping für Sportpädagogen überhaupt relevant?* *Sportpädagogik*, Seelze, Friedrich Verlag, 2, 1991.

_____. *No dope, no Hope - Antworten auf eine Umfrage*. *Sportpädagogik*, Seelze, Friedrich Verlag, 5, 1991.

_____. *Doping bei Minderjährigen*. *Sportpädagogik*, Seelze, Friedrich Verlag, 6, 1991.

INTERVIEWS

Esporte de rendimento, treinamento especializado precoce, doping.

Prof. Elenor Kunz

Professor Doutor na Universidade Federal de Santa Catarina